

ESPÓZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Elias.—Editor —José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha \$3000 rs. — Com esta upilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9 —Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

ESPOZÉNDE CARECE de água potável

Desde há muito que na encantadora vila de Espozende se vem sentindo, com prejuizo para os seus habitantes, a falta de agua que tem impedido o progresso da terra onde a natureza espalhou com graças as suas belezas.

Têm-se tomado iniciativas mas até hoje desaparecem quando a população ansiosamente espera a sua realização.

Existe na vila de Espozende um único fontenário e, mesmo esse não tem água suficiente, pois esperam a sua vez de dia e durante a noite muitissimas pessoas que tantas vezes voltam ás suas casas sem levarem um pouco de água potável para as necessidades da sua vida doméstica.

Torna-se, pois, necessário, remediar urgentemente este mal. Uma terra banhada pelo mar, que tem um rio que junto dela vai desaguar, sem água para a sua população, não pode permanecer por mais tempo nesta angustiosa situação.

A' frente da Comissão Administrativa da Camara Municipal está um homem incansavel, trabalhador ardente pelo progresso da sua terra o rev.do P.e Sá Pereira. Sabemos que a sua maior aspiração tem sido resolver o problema da água. Tem o muito digno presidente do nosso Municipio conseguido muitissimos melhoramentos e enquanto alguém olha duvidosamente, ele não tem esquecido tambem a falta de água que há na sua querida terra.

Como se compreende, pois, que este mal não esteja remediado?

A Camara de Espozende necessita dum empréstimo para dar solução ao assunto. Este empréstimo que é apenas de 200.000 em nada vem prejudicar a vida financeira do municipio, pois que a sua aplicação traz uma receita que garante as responsabilidades assumidas.

Porque se espera então?

Quando a Camara tomou a iniciativa de dar andamento a este assunto resolveram alguns senhores, abusivamente, pôr entraves á sua realização. Mas logo a seguir é Espozende inteiro que vem apoiar a Camara para que continue, que seja levado ávante este caso das águas.

Há sempre quem na sombra trabalhe para empatar, mas os que assim procedem são já sobejamente conhecidos.

Foi o assunto entregue ao Ex.º Governador Civil do Distrito que até hoje tem trabalhado com tanto amor pelo bem-estar e engrandecimento de Braga e das terras do seu Distrito. Estamos certos que S. Ex.a vai agora tambem lançar o seu o-

lhar para Espozende e conseguir, junto do Governo, o que Espozende há muito deseja e necessita.

Os homens do Estado Novo sabem como ninguém trabalhar, olhar com carinho as necessidades de Portugal, da boa gente da Nação

Pedimos, pois, a S. Ex.a que nos ajude nesta hora, pedimos que dentro em pouco Espozende veja realizada a sua maior aspiração e confiados na certeza de que somos ouvidos, esperamos mais uma vez dizer ainda: Espozende conseguiu aquilo que alguém julgava nunca chegar! C. M.

(Do «Carreio do Minho», de 29, p. p. de Braga.)

Vinho a mais e água a menos

São os clamores que se ouvem por toda a parte: na imprensa e nas tertulias.

A faturinha do vinho do ano passado e do ano corrente deixou todos os interessados no delicioso néctar na mais desoladora miseria!...

Deus castigou-os com a fatura, transformando a agna em vinho como nas *Bódas de Cananeia*, mas desgostoso com os beneficiados vae novamente transformar-lhe o vinho em agua e depois não faltarão gritos de desespero por terem as adegas vazias e todo o trabalho perdido porque nem sempre o *labor omnia inprobis* indemonstra os sacrificios do lavrador, como no caso do vinhinho a quem preside o Deus Bacco.

Depois com as adegas vazias, sem terem a pipinha da maré para oferecer aos amigos, serão mais justos os seus clamores. Em compensação teremos Agua, muita agua como grita o nosso inseparavel «Espozendense» para lavar as ruas, para inundar os campos e levar azenhas, mas para beber, para o chásinho, essa não vem; fica cára e é preciso ir buscar-a longe, ao manancial e os homens não querem; não querem porque os descortantes do 28 DE MAIO não querem que esta gente faça tudo, querem alguma coisa tambem para eles fazer, *quando forem governo*.

Não é outro o protesto, porque suas ex.cias sabem muito bem que Espozende carece de água potavel. O povo que paga e sofre e que nada tem com a politica não pode estar sujeito eternamente a beber água de Cisternas e essa mesmo ainda é por conta gotas!

Este pouco tempo que tenho

resilido em Espozende, tenho o dedicado ao estudo das águas abastecedoras, deste rincão tão lindo á beira Mar plantado e chegado á conclusão dessa pratica —as achar improprias para uso domestico.

Os consumidores no geral; uns porque não querem e outros porque não podem, porque a fonte fica longe, gastam água dos poços.

Os poços na sua maioria estão abertos em eidos imundos junto de retretes e cortelhos, recebendo destes as escorrecencias imundas do seu uzo.

E' desta Agua que vive a maior parte do noso povo, inórrmente as classes pobres e esta agua, alem de ser impropria para consumo não cosem bem os alimentos, nem se distribui bem, faz novas obstruções na primeira região e nos hipocondrios alem doutros danos que causam á humanidade.

Mas neste caso tem a palavra o Excelentissimo Senhor Doutor João de Barros, muito digno Delegado de Saude para que Sua Ex.cia diga da nossa justiça.

Nós vemos com mágnua o definhamento do nosso povo e se não fosse, a nosso ver, as correntes de ar iodado que vem sapear e arejar este ambiente, Espozende seria um pantano mais insalubre do que as Lezirias Ribatejanas!...

Não julguem que faço politica e para afirmar o que digo, dou aos leitores do «Espozendense» duas receitas, ambas de resultados seguros, para se conhecer, na pratica, qual é agua boa: toma-se um pano de linho; parte-se em dois, perfeitamente iguais no peso e tamanho; mergulha-se um, em agua conhecida como boa e outro na agua que se pertende saber se é boa ou não. Tiram-se da agua ao mesmo tempo e o que enxugar primeiro e, pesar menos, é o pano que fôr mergulhado na agua boa, mais leve e mas delgado: Outra, pega-se em duas garrafas enchem-se da mesma forma uma de cada, deita-se-lhe dentro uma colher de assucar cristalizado; a rotham-se e passados 15 dias vai-se verificar, a que estiver cheia de agua boa está limpa e clara, e que tiver sido cheia de agua ruim está turva e com mau cheiro. Experimentem os interessados pela saude higienica do seu corpo e depois devem convencer-se que a agua dos nossos poços nem para lavar e depois disto todos unisonos hão de gritar como o nosso «Espozendense» Agua! Agua! muita Agua! mas potavel e leve para o chásinho. X.

O QUE SERÁ A IMPrensa LOCAL?...

(Continuação do n.º 1.366)

Girou sempre á volta dele animosidades ferozes, infundadas, quantas vezes por se dizer a expressão da verdade, que me parece o mais puro predicado de que pode ser dotado quer um jornalista, quer propriamente o jornal encarando-o de uma maneira geral.

Picuinhas vergonhosas, intrigas baratas saídas de cerebros mesquinhos e na generalidade de pouca envergadura mental, ladeiam com impertinencia, prejudicando assim o andamento de um jornal, que deve viver sempre alheio a tudo isso e até da propria terra.

Mas assentemos os nossos pensamentos em bases solidas, e partamos do seguinte principio, bastante explicito e rial: uma terra não pode viver sem um jornal.

Se todos, firmes neste principio agirmos com cuidado, veremos que não caímos em erro, e que o jornal é um valioso elemento de propaganda e desenvolvimento para uma terra, para um concelho.

E' o pregoeiro sempre firme, que semanalmente nos anuncia novas, e acima de tudo lembra o que se deve fazer unicamente para se favorecer o público.

Todas as semanas, lá vai mar fóra, levar aos nossos ir.nãos que longe mourejam, as novas novidades da sua terra que tanto mais amam, quanto mais longe dela estão.

E neste constante lidar, sempre afogalhado na mais penosa e dura incerteza do dia preclitante de amanhã, o jornal local precisa sem sombra de duvida de uma cooperação rial e sentida, vedadeira e amiga.

Des-le pela manhã á noite, ora maquinando na compostura do tipo, ora imaginando o meio mais atequado de pedir este ou aquele melhoramento, passando-se horas amargas que nem a todos é dado sentir e provar, para talvez depois poderem dar o verdadeiro valor.

Lancemos os olhos á imprensa local do nosso concelho e não a deixemos morrer, porque morre se lhe não valeremos.

Unidos como verdadeiros amantes da terra que nos viu nascer, lancemo-nos na batalha para a podermos vencer mas com lealdade, propria de homens de dignidade. Procuraremos sempre defender os nossos jornais, porque a verdade é

esta: defendendo-se o jornal defendemos a nossa terra e os nossos brios de bairristas que devemos ser sempre firmes nos actos e nas palavras, vejamos nos jornais locais, mais que a pequena imprensa, o baluarte prodigioso das nossas ambições.

Demostenes.

A Imprensa Concelhia

O primeiro jornal que aqui se publicou em Espozende, era manuscrito, isto é, escrito á mão. Saiu aí por 1878 a 1880.

Depois disso começou a publicar-se «O Espozendense», cujo primeiro numero foi impresso no Porto em 1886, e o segundo,

é, em Barcelos na tipografia da «Gazeta do Povo», que se achava instalada na rua Direita, hoje D. Antonio Barroso, pertencente a António Perelra Esteves, daquela vila.

Em 1887, fundou-se nesta vila uma sociedade para a publicação do referido «Espozendense», do qual fizeram parte os seguintes snrs.: Ernesto Emilio de Faria, Lourenço da Costa Leitão, Adelino Lucio d'Almeida Azevêdo e o autor destas linhas, José da Silva Vieira, que de Barcelos veio para aqui trazendo tipos, um prélo de madeira e ferro e mais material com que montou a tipografia nas aguas furtadas do prédio que pertencia a Delfino de Miranda Sampaio, no Largo Tomaz Miranda, prédio hoje pertencente ao sr. dr. Luiz de Souza e Costa.

Nessa altura existia no 1.º andar a «Assembleia Espozendense», que hoje tem casa própria no rez do chão do Teatro-Club.

Nessa «Assembleia» havia uma orquestra composta por vários instrumentos de corda e metal, muitos dos quais oferecidos aos que faziam parte da mesma, pelo bondoso morgado da casa nobre da Praça, José Maria Cezar de Faria Vivas, falecido ha muito, e regida por vários, que assim fizeram as delicias da época.

José Maria Cezar de Faria Vivas, tangia 7 instrumentos e era um apaixonado por musica, embora não fôsse um exímio executor.

Mais tarde «O Espozendense» desceu das aguas furtadas e instalou-se no rez do chão do mesmo edificio, ficando a tipografia a um lado e o escritório destinado á redacção, a outro, onde se conservou até cerca de 1889, trasladando-se para a casa de D. Mariana Tereza de Faria Vivas, Largo da Praça, e hoje denominado Largo do Municipio, esquina do prédio antigo, cujo lugar é actualmente occupado pela Confeltaria Primorosa, que aí permaneceu até ser vendida a propriedade (titulo do jornal) ao sr. Dr. José Gonçalves F. Vilas Boas, e irmão Manuel J. G. Vilas Boas, mudando-se para a casa deste, Largo do Correio, prédio hoje de José Augusto d'Almeida Abreu.

(Continua)

CARTA ABERTA

... Sr. José da Silva Vieira

Tendo o nosso querido «Janeiro» publicado em 5 e 15 do corrente duas locaes subordinadas ao titulo, *Carris, Estradas e Canaes*, da autoria do Ex.mo Sr. Americo Vieira de Castro, que julgo atentarios da dignidade dos serviços ferro-viarios aos quaes me orgulho de pertencer na desponibilidade, e para que os referidos escritos não fiquem sem o meu protesto, rogo a V. ... dar publicidade á Carta junta e juntamente verberar o procedimento de «O Primeiro de Janeiro», em dar publicidade a taes escritos e tão cedo se esquecer dos grandes serviços prestados a imprensa diaria, pelas Empresas dos Caminho de Ferro para elas melhor poder expandir as suas doutrinas através de povos desconhecidas.

De V. ... Att.º Obrig.

Espozende, Set, 1934.

José Rodrigues Quesada.

CARTA ABERTA A SUA EXCELENCIA O SENHOR ENGENHEIRO AMERICO VIEIRA DE CASTRO

PORTO

Excelencia:

No presadissimo jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 5 e 15 do mez corrente vem estampados em grandes caracteres duas locaes epigrafadas *Carris, Estradas e Canais* da sua autoria, que nos sugeriram reparos em algumas das suas passagens.

V. Ex.a com o brilho da sua pena e com a autoridade da sua nobre profissão vae cantando e promete cantar ainda a morte ingloria da velha e possante locomotiva! E a pobresinha sem um ai de ninguem no dizer de V. Ex.a vae ser derrubada e vencida pelo motor de explosão, como ela derrubou e venceu a velha deligencia e... depois lá vae toda a ciencia de Stephson dar entrada n'um museu á semelhança dos coches reais!...

Não estamos de acordo Senhor Engenheiro e não estamos de acôrdo porque a locomotiva é, hoje ainda o motor de tração mais economico e que melhores condições de segurança e comodidade oferece, nos seus transportes ao respeitavel viajante.

Do seu calor Senhor

Engenheiro nada se perde além do despendido para vencer as resistencias passivas; E nomeno que se dá com todos os motores.

O que faz pouco economico o serviço da locomotiva é a sua potencia não ser aproveitada na razão directa do seu pêso.

Depois disso Senhor Engenheiro o seu consumo é apenas de 0,40 gramas de carvão por tonelada a kilometro!

Veja V. Ex.a que não ha nada mais barato em motores de transportes e além disso viajar em caminhos de ferro é ter a certeza de viajar com segurança, asseio e comodidade.

Não será assim Senhor Engenheiro? Com certeza é. Batido o caminho de ferro!...

Por quem Senhor Engenheiro?

Por esses serviços de transporte sem organização e garantia de segurança?

Não e não.

O caminho de ferro só pode ser batido por uma empresa superior á sua e essa jámais se orgonizará por falta de capitais, porque ninguem os arrisca n'uma época de tanta sabença que até a ciencia se guerreia mutuamente!...

Está suficientemente demonstrado que o motor de explosão veio prestar relevantes serviços á humanidade, mas tamsomente nas terras não servidas por caminho de ferro.

Onde ele existe, quem prefere as camionetes são os acionistas, os parentes, compadres e seus derivados; os outros, os que têm amôr á vida e á familia, só as preferem pela novidade, para ver as nossas estradas e as paisagens dos campos!

Depois tudo volta a primeira forma Senhor Engenheiro, porque lá diz o rifão: livra-te dos Ares que eu te livrarei dos périgos.

V. Ex.a deve conhecer os serviços modelar s da C. P? Conhece com certe-

za e, quem diz a C. P. diz as outras empresas suas congeneres.

Pois bem; estes organismos são superiormente dirigidos pelas mais altas sumidades na Engenharia Portugueza e á frente da Comissão que superintende em todos os serviços ferro-viarios por parte do Estado, estão o escol dessa Engenharia e V. Ex.a não põem duvidas em aconselha-los a depôr as suas armas de combate a favor da desleal concorrência da camionagem!...

Não pode snr. Engenheiro, desculpe-nos, mas não pode sêr

A locomotiva tem ainda grande papel a desempenhar na Sociedade. Póde mesmo afirmar se sem receio de desmentido que a sua função ainda não está em meio e se ela tem sido grande através de duas gerações, depois que a ciencia rasgou as montanhas e aplanou os vales e transformou a sua agua em vapor para levar o homem, principescamente instalado e mais rapido que o passarinho, aos quatro cantos da Terra, ela é sempre cada vez maior porque a ciencia animada por esse vapor tem subido sempre para atingir o Alpha da perfeição em transportar sob Caminhos de ferro! Subido e vencido Senhor Engenheiro e tanto assim é que lá está ela hoje a dar a palavra ás Autromotrices para suplantar o motor de explosão. Veja V. Ex.a a Amicheline, a primeira auto carril de pneumaticos! A Renault que faz serviço na linha de Paris a Deauville, 221 kilometros, em duas horas e cinco minutos e a Alemanha já fabrica autromotrices para 200 kilometros á hora!

Já vê V. Ex.a Senhor Engenheiro que os Caminhos de ferro defendem-se com vantagem, do seu concorrente desleal, o motor das estradas. E é por isso que nós, Senhor Engenheiro, estamos em desacordo.

Eu entendo que, o nosso governo que tão grandes provas tem dado d'uma intelligencia invulgar na administração dos dinheiros publicos, deve sem perda de tempo mandar completar a réde ferro-viaria a principiar pelo decantado Caminho de ferro da *Boa Vista á Trindade*

V. Ex.a acha muito dispendiosa a construção de novas linhas ferreas, mas não repara que as estradas com os seus desgastes, produzidos pelc rodar da camionagem, ficam muito dispendiosos á repartição das Obras Publicas e quanto maior fôr o transito maior é a sua despeza, mas... aqui é que está o busiles—estragam uns e pagam outros e é esta medida de protecção que faz caro o trafico ferro viario, porque dessas emprezas é toda a despeza na conservação das suas linhas.

Allém disso temos mais—se não estamos em erro—outros encargos que peçam sobre o C. F. e que até á data a camionagem ainda está isenta deles como seja o imposto sobre bilhetes e mercadorias e garantia no futuro do seu pessoal assalariado, etc. etc.

Diz V. Ex.a que o Estado deve facilitar o desenvolvimento do automobilismo: estamos de acordo, mas que mais lhe poderá fazer para já?

Dá-lhe boas estradas, dão-lhe a gasolina só pelos direitos! Como não deve ser barato este meio de transporte.

A construção e reparação das estradas vae-se fazendo com a comparticipação do fundo do desemprego.

Porque não seguiram o mesmo processo para o complemento da réde ferro Viario?

O nosso coficiente dá-nos um kilometro de linha ferrea para cada 3301 habitantes, algarismos estes bem demonstrativos da imperiosa necessidade de mandar concluir a nossa tão di-

ficiente réde ferro-viaria. Nós Senhor Engenheiro, lamentamos duas couzas: Primeiro estar em desacordo com V. Ex.a e segundo não têt rompido os fundilhos nas Aulas Superiores para saber responder com claresa aos seus escritos, mas ainda assim—porque entendemos que alguém entenderá o que escrevemos—não estamos resolvidos a deixar passar sem o nosso modesto, mas energico protesto, todos os assuntos escritos ou falados, que ponham os Caminhos de ferro n'uma situação inferior ás outras empresas de transporte. Bem sabemos que elas tem muito quem as defenda e V. Ex.a pode continuar a fazê-lo com todo o calor da sua pena, mas... tocar no Caminho de ferro; cautela, porque obrigame a responder-lhe, como fez outro dia no hall da estação de S. Bento, a um individuo que vociferava naquele suntuoso recinto: *hei-de vêr brevemente esta Estação transformada em garage!*—Tambem eu, respondi: já achei... a incognita porque estão sempre cheias, as vacaturas dos doentes no hospital do Conde de Ferreira!...

Prometo não voltar ao assunto sur. Engenheiro, mas antes e para concluir permita V. Ex.a dizer-lhe que não conhece com cêrteza os progressos dos Caminhos de ferro, desde o seu inicio enquanto, uns e outros, como sejam os Caminhos de ferro do Estado, mormente depois que tiveram autonomia e durante a gerencia do seu Conselho Administrativo até á data da conflagração Europea, porque se conhecesse os seus progressivos rendimentos não dizia que *em Portugal não existe a grande industria nem intensiva cultura nem mercadorias capazes de elevar as receitas ao seu alto nivel e que hoje á parte os megalomanos ninguem pensa em construir Caminhos de ferro, antes se pensa suprimi-los!* Esta só por si me-

rece uma resposta a Cambrone, Senhor Engenheiro, mas adiante.

Ninguem julgue que nós temos más vontades pelos serviços da camionagem, o nosso fim está muito acima dos mesquinhos cometimentos, porque só procuramos servir os altos interesses da Nação e por consequencia servimos tambem os interesses da Viação moderna, por quem temos o melhor carinho; temos nella familia e amigos a quem muito queremos, mas cada um no seu logar.

A nosso vêr tem que ser concluidas as linhas ferreas e para elas deve convergir todo o trafico de passageiros e mercadorias que transite sobre as estradas deixando estas livres para o serviço particular e de turismo.

Isto é a segurança e o progreso civilizador do nosso povo ainda, em parte tão atrasado em serviço de Viação acelerada.

Para hoje isto Senhor Engenheiro; as automotrices para os pequenos percursos e as locomotivas para comboios pesados de longo curso e os caminhos de ferro, dentro das suas areas, devem tomar conta da camionagem, indemnizando os seus proprietarios, no todo ou parte dos seus haveres de forma que a transição se faça sem causar victimas, quer nos proprietarios, ou quere ainda no seu pessoal, que deve ficar ao serviço dos Caminhos de ferro, pelo menos o que fôr apto e por consequente dentro da lei.

Seria uma medida de grande alcance Senhor Engenheiro, mas o que eu digo não se escreve e por isso se V.as Excelencias entenderem que os Caminhos de ferro devem acabar; força. Basta só que me deem tempo para eu avisar os 40:000 kil. de linhas ferreas Francezas; os 31:000 Inglezes, idem, 53,135 Alemães e os 76.050 Russos num total de 200:252 kilometros, sem falar

em tantos outros que existem por esse mundo fóra, para fazerem um cemiterio onde possa ser enterrado todo o seu material fixo e circulante, que foi toda a gloria do seculo das luzes!...

Mas não se aflija Senhor Engenheiro.

O mundo chega para todos, menos para os egoistas e por isso se entenderem que ele deve acabar á dentada, façam-no quanto antes, para chegarem á conclusão de que êle ha de pertencer sempre aos mais valentes, como diziam os Romanos.

Desculpe-me V. Ex.a este desabafo e Creia que somos sempre a desejar-lhe Saude e Fraternidade.

Esposzende, Setembro de 1934.

José Rodrigues Quesada.

COLÉGIO BARTOLOMEU DOS MARTIRES

Amplias instalações, Gabinetes de Ciências e laboratório de Química

ADMITTE ALUNOS INTERNOS SEM-INTERNOS E EXTERNOS PARA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA, CURSO COMPLETO DOS LICÉUS E CURSO COMERCIAL

Prestação mensal 250\$00

AS AULAS REABREM EM 8 DE OUTUBRO

Rua Conselheiro Januário
Telefone 462 BRAGANÇA
(Em frente ao Iliceu)

Esposzendenses!
Assinai, propagai e
anunciai no
« ESPOZENDENES »

Quem preferir a nossa
tipografia além de ficar bem
servido, economisa muito di-
nheiro.

Joel de Magalhães
MEDICO

Em Esposzende das 9 ás 12
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas